

**SÉRIE  
ENSINO**

**COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA E EDITORIAL**

**JORNALISMO LABORATORIAL NA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO, BRASIL: PROJETOS PIONEIROS**

**José Marques de Melo e  
Carlos Eduardo Lins da Silva**

**Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Jornalismo e Editoração**

COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA E EDITORIAL

Série Ensino / 1

JORNALISMO LABORATORIAL NA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO, BRASIL: PROJETOS PIONEIROS

José Marques de Melo e  
Carlos Eduardo Lins da Silva



Instituto de Pesquisas de Comunicação  
Jornalística e Editorial / IPCJE  
Departamento de Jornalismo e Editoração  
Escola de Comunicações e Artes  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil, 1987

DIRETRIZES PARA UM JORNAL-LABORATÓRIO +

José Marques de Melo

+ Artigo publicado originalmente na Revista da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, nº 1, p.185-193, 1967

## 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O jornal-laboratório constitui o instrumento básico de um Curso de Jornalismo no sentido de integrar os estudantes na problemática da futura profissão. A sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria Escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissional.

Como diz Carlos Rizzini, "ninguém aprende a fazer reportagem ou entrevista por devaneio ou imaginação; e fazendo-as, a rigor, ao vivo, delas não tirará fruto apreciável se as não vir publicadas"(1). Isso corresponde, em termos mais amplos, à afirmativa de Wilfrid Eggleston, diretor do departamento de jornalismo da Universidade Carleton, de Ottawa: "não se aprende a observar e a descobrir os fatos, a selecionar, a ordenar e a redigir suas impressões, sem publicar um jornal ou utilizar uma estação de rádio"(2).

No Brasil, lamentavelmente, as experiências com relação a esse aspecto não são muito ricas; a ausência de jornais-laboratórios em quase todos os cursos de jornalismo em funcionamento no país indica uma deficiência básica na formação dos nossos profissionais da imprensa. "O ensino é mais acadêmico do que profissional, não indo a parte prática além do exercício de redação" - afirma Carlos Rizzini, ex-diretor da Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, de São Paulo (3).

Esse, aliás, é o panorama da maioria das escolas de jornalismo na América Latina. Algumas têm feito tentativas no sentido de manter publicações periódicas, que, na opinião de Jorge Fernandez, diretor do CIESPAL, "tratam de ser um ensaio ou um experimento pedagógico". Acrescenta Fernandez: "porém são tudo menos um ensaio pedagógico, porque o aluno se enfronha em suas coisas pessoais e produz algo que nada tem a ver com um jornalista autêntico, com um jornalismo informativo" (4).

Dai as severas críticas que se fazem a uns poucos jornais universitários, orientados por Escolas de Jornalismo no Brasil, pelo caráter essencialmente amadorístico que apresentam, quando não pela completa desvinculação da realidade. "Não se escreve sobre o que deseja o público potencial" - explica o Prof. Alfredo Pacheco, da Universidade de Concepción, do Chile - "e, no entanto, o jornalista, quando trabalha na vida profissional, não escreve sobre o que gosta, mas sobre o que o público quer e necessita. Então é errado, muito grave, ter (numa Escola de Jornalismo) um jornal onde afinal apareceriam... ou composições primaveris e outonais" (5).

Nos Estados Unidos, e em outros países desenvolvidos, a situação é bem diversa. "Todas as escolas (nos EUA) possuem redações, laboratórios e oficinas e procuram detalhar e modernizar os seus instrumentos, empregando o teletipo, o telefoto, o teletypesetter, e o fax, ou transmissão de fac-símile. Todas editam jornais, internos ou externos, de circulação particular ou pública, realizando o pensamento do primeiro deão da escola de Missouri: o aluno precisa ver impresso aquilo que escreve" (6).

Algumas escolas editam jornais diários destinados à comunidade urbana a que pertencem, outras editam jornais destinados à comunidade universitária. Tratam-se, portanto, de jornais não-fictícios, com periodicidade determinada e com público específico, fornecendo todas as condições para que os estudantes conheçam, em detalhes, os problemas práticos que irão enfrentar na vida profissional.

O sistema adotado pelas universidades americanas tem revelado excelentes resultados, que se traduzem pela própria valorização dos profissionais de nível superior no mercado de trabalho. Hoje, nos EUA, metade dos jornalistas têm diplomas universitários; universidades como a de Columbia revelam o emprego de 80% dos seus graduados, logo após o término do curso; e, o que é mais importante, a procura anual de profissionais para a imprensa é maior que a oferta feita pelas Escolas de Jornalismo (7).

## 2. ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA DO JORNAL-LABORATÓRIO

Atualmente, na pedagogia do Jornalismo (8), há dois tipos de orientações relacionadas com as atividades experimentais e, mais especificamente, com o funcionamento de jornais-laboratórios:

- a) **Prática integral** - manutenção de uma publicação periódica dirigida a um público específico; para isso, a Escola deve dar ao jornal uma estrutura administrativa semelhante à de qualquer empresa jornalística, de modo que os educandos participem de todas as fases de produção.
- b) **Prática amostral** - elaboração de páginas isoladas de um jornal de informação geral, que não circula externamente; nesse caso, as atividades experimentais resumem-se às salas de redação e de diagramação.

A primeira orientação (da Universidade de Missouri) é a mais antiga e adotada pela maior parte das Escolas de Jornalismo nos Estados Unidos e na Europa. Seu fundamento é o de que "não compete ao jornalista compor na linotipo, fazer gravuras ou fundir telhas, como não lhe compete angariar publicidade, cuidar da circulação ou contratar papel. Mas, não será um jornalista completo aquele que não souber como se processam essas operações mecânicas e administrativas" (9).

A segunda orientação (da Universidade de Columbia, de Nova York) é mais recente. As atividades experimentais têm como núcleo básico a sala de redação, dispensando a infra-estrutura industrial que caracteriza um jornal comum. Jorge Fernandez, diretor do CIESPAL, é um dos defensores desse sistema; segundo ele "não é necessário que uma Escola de Jornalismo tenha linotipos, impressoras, e se envolva em todo o tremendo processo de confecção de um jornal na forma ordinária que se faz, para ensinar ao aluno a fazer um jornal" (10). A Universidade de Columbia teve muito êxito com a utilização desse método; mas, para garantir a plena formação dos educandos, foi instituído o sistema de estágios complementares. Carlos Rizzini presenciou, em sua visita às Escolas de Jornalismo dos

EUA, que "os estudantes de Colúmbia preparam inteiramente e publicam dois números anuais de seis diários das cercanias de Nova York" (11). Para isso, no entanto, as universidades norte-americanas contam com a colaboração total dos empresários do Jornalismo, que permitem o treinamento dos estudantes nas redações dos seus periódicos.

É, evidentemente, uma situação bem diversa à do Brasil, onde, depois de 20 anos de funcionamento dos cursos de jornalismo, não se concretizou ainda o sistema de estágios nas redações dos jornais diários, com raras exceções, apesar de previsto em lei (12).

Das duas orientações, a mais aconselhável para a Escola de Comunicações Culturais é a **prática integral**. Ao fazer essa opção, consideramos algumas circunstâncias fundamentais:

- 1) A cidade de São Paulo, como maior centro industrial da América Latina, possui hoje um grande mercado de trabalho para jornalistas especializados, principalmente no campo do **jornalismo industrial**. Nos próximos 5 anos as oportunidades de emprego oferecidas pelos jornais de empresa serão proporcionalmente maiores que as oferecidas pelos jornais de informação geral. Deve, portanto, a Escola, formar profissionais absolutamente capazes para ampla aceitação no mercado de trabalho. E, para formar jornalistas especializados, é imprescindível dar-lhes treinamento prático total.
- 2) Deve-se considerar também, numa perspectiva mais ampla, e como reforço ao argumento anterior, a tendência do jornalismo gráfico moderno no que se refere ao mercado de trabalho. O fenômeno da extinção ou da concentração de empresas jornalísticas, como resultado direto da competição entre jornalismo gráfico e jornalismo audiovisual, tem reduzido sensivelmente o número de empregos nos jornais de informação geral. "Em Paris, em 1892, havia 83 diários e hoje não restam senão 13" (13). Em Nova York, atualmente, circulam apenas 3 jornais diários (14). Em compensação, verifica-se uma avalanche de publicações especializadas em todo o mundo, o que leva Raymond Cartier a concluir: "na minha opinião, o jornalismo do futuro é o das revistas especializadas" (15). O jornalismo especializado afigura-se, então, como um mercado de trabalho de grande potencialidade. E isso deve ser tomado em consideração no treinamento dos futuros profissionais, a fim de que tenham uma formação universitária orientada para o futuro (jornalismo especializado) e não para o presente ou passado, como já querem alguns - (jornalismo de informação geral).

No jornal-laboratório os estudantes terão oportunidade de participar de todas as fases produtivas de uma publicação periódica, adquirindo uma vivência integral, não limitada apenas à sala-de-redação. E, acreditamos, essa prática será suficiente para delinear inclinações profissionais, além de suscitar todos os problemas técnicos, administrativos e intelectuais semelhantes aos que surgirão em atividades específicas, fora da Escola.

### 3. ESTRUTURA BÁSICA

O jornal-laboratório da Escola de Comunicações Culturais deve adotar a estrutura de um jornal comunitário. Ou seja, deve dirigir-se a um público específico, o público da Universidade de São Paulo: estudantes, professores e funcionários.

Assim sendo, os estudantes não vão participar simplesmente de um ensaio pedagógico. Terão um órgão vivo, dinâmico, que deverá atender aos anseios informativos da comunidade à qual se destina.

Não obstante contar com a supervisão de professores e profissionais especializados, o jornal será inteiramente elaborado pelos alunos. A idéia básica é a de que cada estudante tenha oportunidade de participar das diversas fases de confecção de um periódico, desde a busca de informações nas fontes primárias à sua distribuição para o público leitor. Deste modo, recolherá experiências suficientes para realizar quaisquer tarefas práticas na vida profissional.

Para que o jornal venha a funcionar plenamente, com todas as características de um órgão informativo comum é necessário que tenha a estrutura de uma empresa privada. Ou melhor, é preciso que conte com recursos financeiros próprios, auto-financiando todas as suas atividades. E esse auto-financiamento será concretizado através da venda de espaço para propaganda. É evidente que, na fase inicial, a Escola deverá destinar-lhe alguns recursos, até que se afirme como publicação não-efêmera. No entanto essa destinação inicial de recursos terá a função singular de investimento.

Do ponto de vista técnico-profissional, o jornal-laboratório será feito pelos estudantes, como se afirmou anteriormente. Em todas as etapas, porém, contará com a orientação, o apoio e a supervisão dos professores das disciplinas instrumentais e fenomenológicas, que cobrirão, inclusive, as deficiências porventura existentes antes da impressão de cada número. A participação dos professores será fundamental, senão imprescindível, no sentido de um trabalho crítico permanente e de assessoramento às atividades dos estudantes. Esse assessoramento, todavia, não deve ser elevado às condições de "paternalismo", ou seja, a realização de todas as tarefas básicas pelos mestres, receosos de uma atuação não de todo perfeita por parte dos alunos. Fenômenos desse tipo têm sido constatados em algumas Escolas de Jornalismo, com prejuízo total para os educandos.

O importante é deixar a iniciativa com os estudantes, a fim de que os mesmos adquiram noções de responsabilidade, procedendo como se estivessem trabalhando em qualquer empresa comercial. E, como tal, deverão estar submetidos a normas específicas, no sentido coercitivo, a fim de que se evite o acúmulo de tarefas por parte de uns poucos, pois o jornal, como projeto experimental, deve ser feito coletivamente.

### 4. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

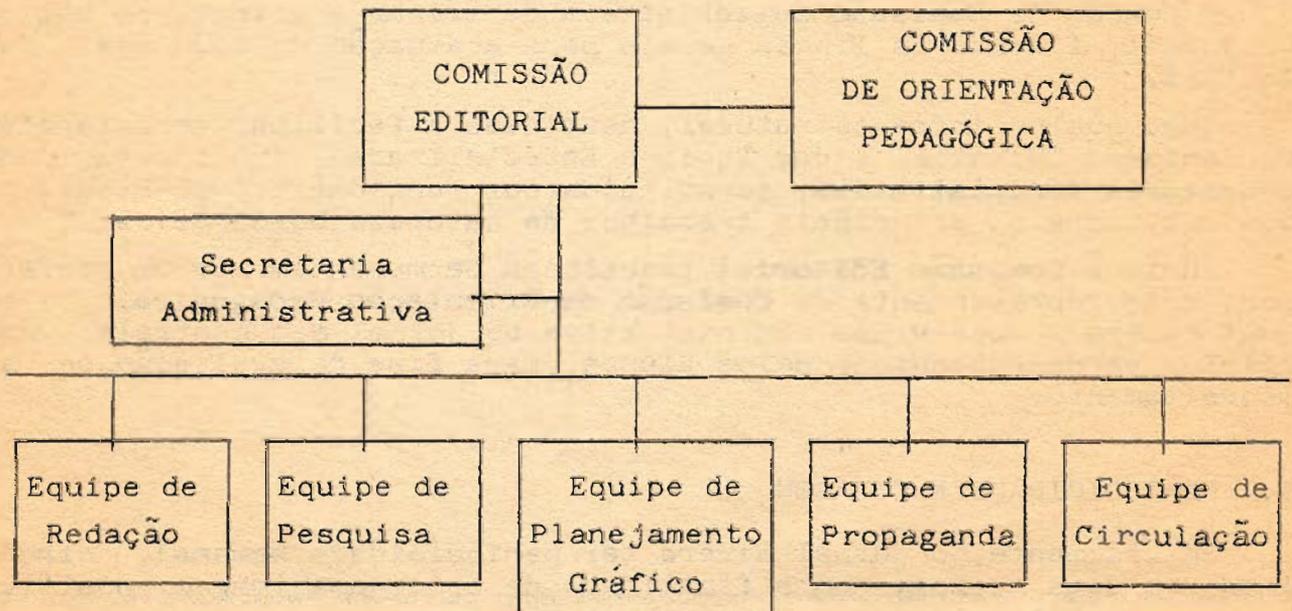
A organização administrativa do jornal será feita de modo bastante flexível para evitar futuros estrangulamentos operacionais. -

De qualquer modo, terá uma organização definida, semelhante à de uma pequena empresa jornalística.

Cada pessoa terá uma função determinada e será responsável pela execução de algumas tarefas. A intenção inicial é a de formar equipes e instituir o sistema de rodízio. Ou seja, cada estudante terá uma função durante um certo período e, a seguir, passará a ocupar outra, de modo a colaborar em todas as equipes. Esse sistema, acreditamos o mais adequado para os primeiros tempos de funcionamento do jornal, uma vez que só nos últimos anos do curso serão ministradas as principais disciplinas de natureza técnico-profissional. Em 1970, porém, quando todas as cadeiras estiverem funcionando normalmente, se buscará um outro sistema de organização que mantenha correspondência entre as tarefas práticas dos alunos e os conhecimentos difundidos nas aulas teóricas.

A organização que se deve imprimir, inicialmente, é a de **Equipes Especializadas**, num mesmo nível estrutural, com funções executivas. Essas equipes estarão subordinadas a uma **Comissão Editorial**, com funções deliberativas. Cada equipe deverá ter um Coordenador, que, por sua vez, será membro da Comissão Editorial. Assessorando a Comissão Editorial, constituída de estudantes, funcionará a **Comissão de Orientação Pedagógica**, constituída pelos professores das matérias instrumentais.

Dentro dessa orientação, o jornal teria a seguinte estrutura:



Vejam, agora, a definição das áreas de atividades de cada Equipe.

1. **Equipe de Redação** - organização da pauta do jornal; coleta de notícias; realização de entrevistas; redação das notícias, reportagens, editoriais, crônicas e comentários; copy-desk; titulação; seleção das informações a serem publicadas;
2. **Equipe de Pesquisa** - organização e manutenção de um arquivo completo de informações; realização de pesquisas documentais para as matérias de jornalismo interpretativo; realização de pesquisas de opinião pública sobre fatos de interesse do jornal; realização de pesquisas junto ao público leitor para buscar informações que auxiliem as atividades de outras equipes;
3. **Equipe de Planejamento Gráfico** - obtenção de fotografias; elaboração de gráficos e ilustrações; planejamento da estrutura morfológica do jornal, através da diagramação; revisão de provas tipográficas; acompanhamento de todas as fases de composição e impressão do jornal nas oficinas;
4. **Equipe de Propaganda** - promoção de venda do espaço do jornal para anúncios; contatos com agências de propaganda e com anunciantes; elaboração de folhetos com objetivos publicitários; redação de anúncios;
5. **Equipe de Circulação** - distribuição de cada número do jornal em todas as unidades da USP; organização de promoções junto ao público potencial do jornal, a fim de conquistar leitores; acompanhamento do consumo de jornais em cada unidade, a fim de identificar possíveis áreas de resistências à sua leitura.

A função da **Comissão Editorial** é a de traçar a orientação básica do jornal, fixando as linhas gerais para a atuação de cada uma das Equipes.

Como núcleo infra-estrutural, destinado a facilitar as tarefas da Comissão Editorial e das Equipes Especializadas, funcionará uma **Secretaria Administrativa**, constituída por funcionários da Escola, e que realizará os principais trabalhos de natureza burocrática.

Junto à **Comissão Editorial** trabalhará permanentemente um Professor, como representante da **Comissão de Orientação Pedagógica**, ao qual caberá a supervisão administrativa do jornal e o controle das atividades desempenhadas pelos alunos, para fins de avaliação de aproveitamento.

## 5. PERIODICIDADE E TIRAGEM

Inicialmente, o jornal deverá ter periodicidade **semanal**, circulando em dias certos, com a finalidade de criar uma imagem positiva junto ao público leitor.

Depois de um período inicial de circulação regular, quando a sua leitura estiver incorporada já aos hábitos do público potencial, então será a ocasião de passar a **diário**.

Poder-se-ia formular um cronograma para o seu funcionamento, com

as seguintes características:

1968 - semanal

1970 - diário

Quanto à tiragem, o número inicial de exemplares editados deverá ser da ordem de 15.000, a fim de permitir difusão total junto a todas as Escolas e Faculdades da USP. Progressivamente, esse número poderá ser ampliado, de acordo com o interesse que venha a despertar em novos contingentes de leitores.

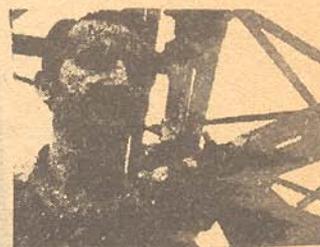
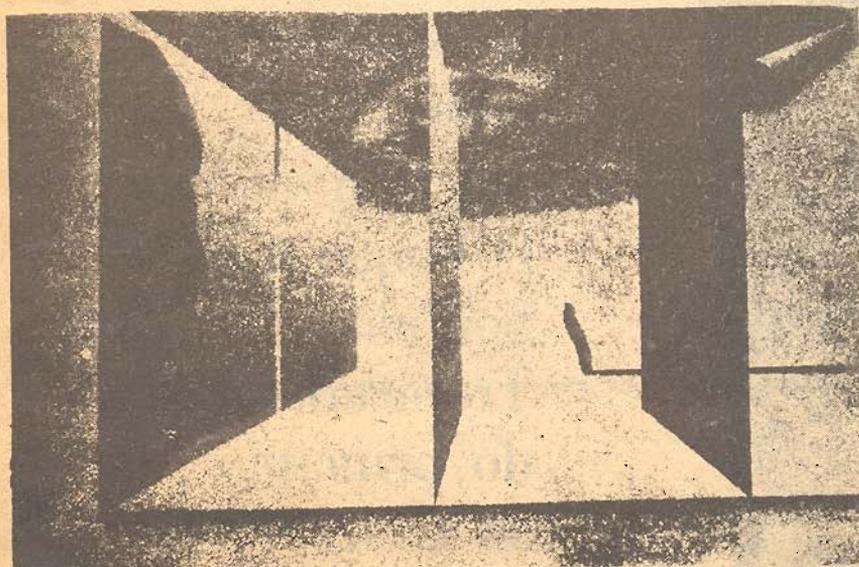
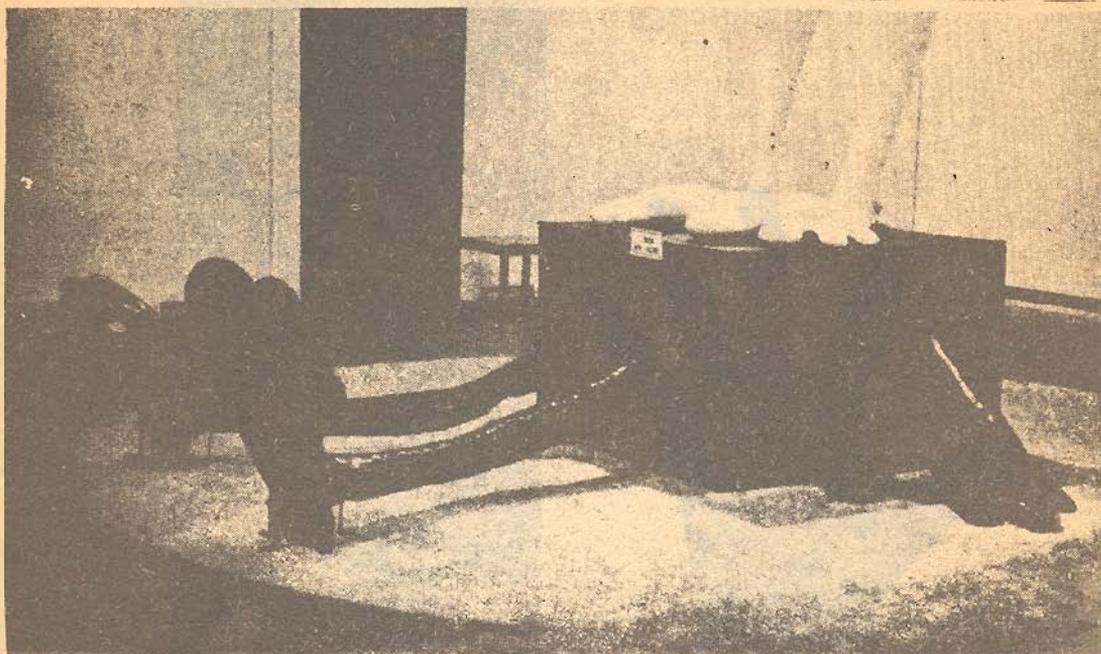
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RIZZINI, Carlos - **O ensino do jornalismo**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1953. p. 52
2. EGGLESTON, Wilfrid - "La préparation spéciale du personnel de la presse de la radio, de la télévision et du cinéma". In: UNESCO - **La formation des journalistes**. Paris, 1958. p. 47
3. RIZZINI, op. cit. p.41
4. FERNANDEZ, Jorge - **Las escuelas de periodismo en America Latina** Quito, CIESPAL, 1965. p. 146
5. PACHECO, Alfredo - **Las escuelas de periodismo en America Latina** Quito, CIESPAL, 1965. p. 146
6. RIZZINI, op.cit. p.37
7. RIZZINI, op.cit. p.38-40
8. JOBIM, Danton - **Pedagogia del periodismo: métodos de enseñanza orientados para la prensa escrita**. Quito, CIESPAL, 1964.  
PONCE, Ramón Cortez - **Pedagogia del periodismo**. Quito, CIESPAL, 1964.  
BELTRÃO, Luiz - **Métodos en enseñanza de la técnica del periodismo**. Quito, CIESPAL, 1963.
9. RIZZINI, op.cit.p.26
10. FERNANDEZ, Jorge - **Escuelas de periodismo en America Latina**, Quito, CIESPAL, 1965. p. 148
11. RIZZINI, op.cit. p.37  
Quito, CIESPAL, 1965. p. 223
12. KELLY, Celso - **Enseñanza de periodismo y medios de información colectiva**.
13. LEAUTÉ, Jacques - **Etica y responsabilidad del periodista**. Quito CIESPAL, 1966. p. 5
14. FOLHA DE SÃO PAULO. jun. 1967
15. CARTIER, Raymond - Entrevista a Manchete. 1967.

# JORNAL

SÃO PAULO — OUTUBRO DE 1985 — PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS — USP — Nº 02

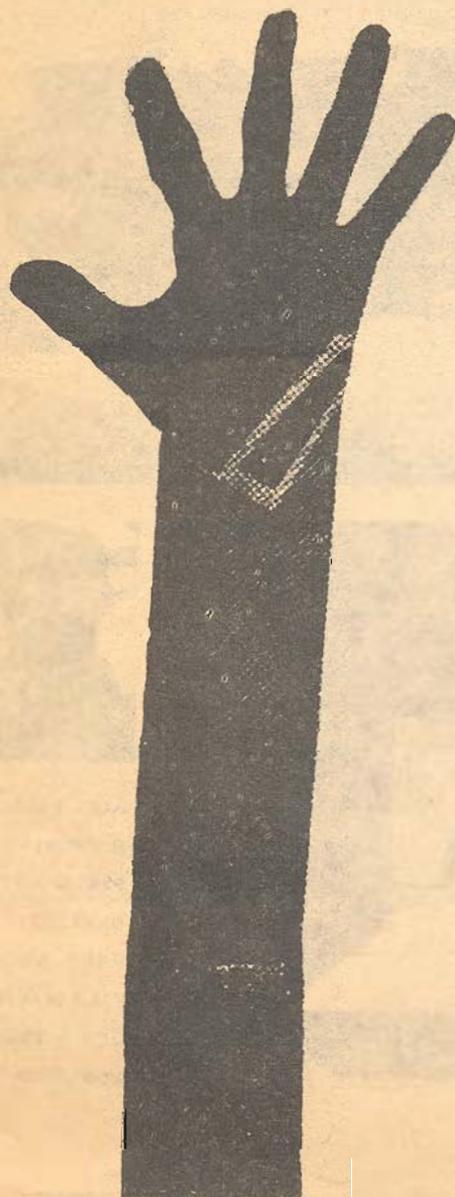
## BIENAL: ARTE E CONTESTAÇÃO



AQUI ESTÁ A **BIENAL** NA DESCRIÇÃO E OPINIÃO DE ALGUNS CRÍTICOS. **PAULO AUTRAN**, NA ECC, SAI APLAUDIDO DEPOIS DE PREGAR UM TEATRO PARA ADOLESCENTES. **PIGNATARI** FAÇA DO CIESPAL, ENQUANTO PARECE QUE A **TELEVISÃO** AMEAÇA CRIAR MONSTROS. EIS O **JORNAL ZERO DOIS**.

# JORNAL

110 - NOVEMBRO DE 1969 - PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA - USP - N. 14



Irônicamente,  
Olney.  
Martinho da Vila.  
O Feijão e o  
Sonho.  
Tropicália: medo  
do princípio  
ao fim.  
Vida e Morte  
do Cordel.

# JORNAL

SÃO PAULO, 11 DE OUTUBRO DE 1969 — PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS — USP — Nº 01

## JORNAL marco na ECC

Aqui está o primeiro número experimental do jornal-laboratório. Uma das mais velhas reivindicações dos alunos de Jornalismo da ECC, surge com o atraso equivalente à idade da Escola: quase três anos. Por que não veio antes? Porque não havia verbas para os equipamentos, à princípio. Depois, porque era preciso abrir concorrência pública para comprar linótipo, impressoras e outras máquinas. Depois, porque se decidiu importar máquinas novas. Depois, porque houve atrasos no processo de importação. Recentemente, as máquinas chegaram mas o prédio definitivo da Escola de Comunicações não foi concluído. Optou-se, então, pela concessão de uma verba destinada a custear a impressão do JORNAL em tipografia comercial. E aqui estamos!

*Aprender Jornalismo sem jornal era uma tese muito estranha, desaconselhada por professores e alunos. Era assim como tentar aprender a nadar por correspondência, sem cair n'água.*

No JORNAL, todos os alunos do Curso de Jornalismo poderão realmente aplicar os conhecimentos teóricos e experimentar conscientemente. É um jornal-laboratório, de cunho didático sob todos os aspectos. É feito inteiramente pelos alunos de Jornalismo da ECC, sob a orientação didática dos professores do Departamento.

Neste número, porém, os erros são talvez mais numerosos, em consequência da falta de experiência anterior da maioria dos que trabalharam. Mesmo assim, todas as falhas serão criticadas e, na medida do possível, corrigidas. O importante era — e é — fazer o JORNAL.

Finalmente, uma palavra sobre o conteúdo do JORNAL. Optamos, inicialmente, pelos assuntos ligados ao campo das Comunicações. A partir dos próximos números, serão incluídas matérias relativas à Universidade e outros campos da cultura, como Artes Plásticas, Publicidade, Música etc.

## Aprender fazendo



### Nixon entre nós

Pg. 2

### Dia D para classe D

Pg. 3

### Dumon prega curso de 60 horas

Pg. 4

### Seis caixotes vermelhos

Pg. 6

### Bolívar na Arena

Pg. 7

### Farkas revela sertão

Pg. 7

### A SOLUÇÃO FINAL

"Quero que vocês me ajudem a acabar com os picaretas da imprensa. Vocês são os maiores interessados nisso". Isto foi o que disse o Ministro do Trabalho, sr. Jarbas Passarinho, a um grupo de jornalistas credenciados no Palácio das Laranjeiras, logo após a regulamentação da profissão de jornalista, por decreto dos ministros militares, assinado, dia 8 de outubro, na Passa do Trabalho.

A única alteração substancial feita no ante-projeto, publicado há dias, refere-se a obrigatoriedade prevista no parágrafo IV do artigo quarto, condicionando a admissão pelas empresas de jornalistas portadores de diploma de curso superior. No projeto aprovado, aquele artigo foi modificado, permitindo que as empresas possam contratar dois terços de jornalistas formados e um terço não formados.

A obrigatoriedade é válida para os cargos de redator, reporter e reporter de setor, excluídos os revisores. Ainda de acordo com a regulamentação, todo jornalista que ficar 2 anos sem exercer a função terá seu registro trancado e, se em futuro próximo, não provar sua atividade dentro da profissão, fica sujeito à cassação do registro.

O Ministro Passarinho salientou que o teto salarial ainda não foi fixado, mas as empresas não poderão admitir jornalistas com salários inferiores aos decretados pelo último acordo salarial da classe.

# JORNAL

SÃO PAULO — NOVEMBRO DE 1969 — PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS — ESP — Nº 02



**Nossos colegas de Teatro fizeram sucesso na Colômbia com Pedro Pedreiro e O Rato no Muro Pag. 3**

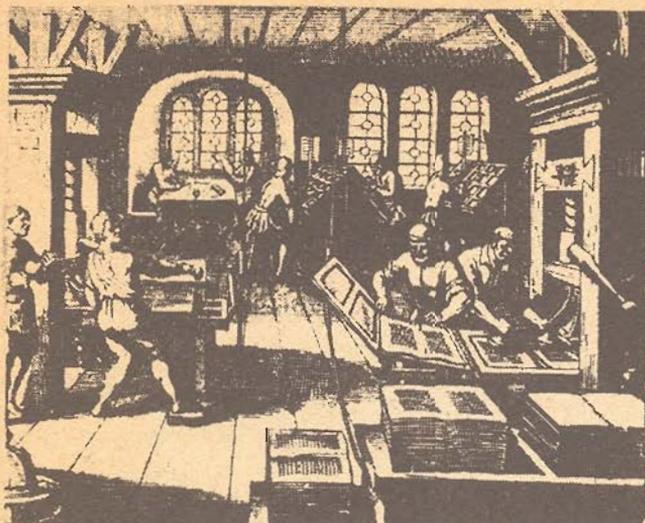
**Exigências, taxas e depoimentos de calouros sobre vestibulares de 70 estão na Pag. 8**

**Ele volta para assumir um antigo posto. Eis o perfil do político e do homem Miguel Reale Pag. 8**



# JORNAL

SÃO PAULO — DEZEMBRO DE 1968 — PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS — USP — N.º 8



A IMPRENSA REVOLUCIONOU O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO QUE PREVALECIA ATÉ O SÉCULO XV. HOJE A ELETRÔNICA INICIOU A SEGUNDA REVOLUÇÃO, PROPORCIONANDO UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA (última página).



O PROFESSOR EDUARDO DIZ QUE A LITERATURA HISPANO-AMERICANA PROCURA SEU CAMINHO. ACIMA UMA CARICATURA DE GARCIA MARQUEZ, AUTOR DE "CEM ANOS DE SOLIDÃO", UMA DAS OBRAS QUE CONQUISTARAM O PÚBLICO BRASILEIRO (página 6).

SER HIPPIY É BICO PAG. 5  
RUA 100 NOVA YORK PAG. 4  
A EMPRÊSA DO  
TIO PATINHAS PAG. 7

A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DO "JORNAL DO CAMPUS" +

Carlos Eduardo Lins da Silva

+ Relatório publicado originalmente na Série "Documentos CJE", nº 1, do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1985

## I. HISTÓRICO

O projeto de RTC a que este relatório se refere foi apresentado por mim ao CJE há dois anos e tinha como objetivo principal acompanhar o processo de planejamento e implantação de um jornal-laboratório comunitário do Departamento e dirigido à coletividade que vive e/ou trabalha ou estuda na Cidade Universitária.

O projeto previa um cronograma segundo o qual seriam cumpridas as seguintes fases:

1. no segundo semestre de 1983, seriam realizadas quatro edições experimentais mensais, para se observar as condições de produção jornalística existentes no CJE;
2. no ano de 1984, o projeto seria implantado, circulando o jornal semanalmente em todo o campus; as pesquisas de avaliação seriam desenvolvidas durante esse período;
3. no primeiro semestre de 1985, haveria a cristalização do projeto e seria feita a avaliação global.

O projeto previa que o jornal teria uma tiragem de 50 mil exemplares, circularia gratuitamente em todo o campus, seria colocado à disposição dos leitores em bancas colocadas nos corredores de todas as escolas, faculdades, institutos e órgãos burocráticos da USP. Durante a fase exploratória, o jornal deveria tirar 10 mil exemplares, circular no maior número possível de unidades da USP, teria sua circulação aumentada à medida em que sua infraestrutura o permitisse. O jornal seria em formato "standard", teria pelo menos doze páginas, aumentaria o número de páginas à medida em que o faturamento publicitário (já que o projeto previa esse tipo de fonte de receita) o permitisse.

O "Jornal do Campus" seria gerido por um Conselho Editorial formado por professores, estudantes, funcionários e representantes dos leitores. Haveria uma supervisão pedagógica constituída por professores das diversas áreas do Jornalismo, coordenada por um professor e responsável por todos os aspectos didáticos da elaboração do jornal.

Os editores do jornal seriam estudantes monitores. Também os aspectos administrativos deveriam ficar sob a responsabilidade de estudantes monitores, que estariam sob a supervisão dos professores. Estudantes recém-ingressados no curso seriam os repórteres, responsáveis pela coleta de informações, e os veteranos cuidariam da redação, diagramação e arte, edição fotográfica e visual.

Os departamentos de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas da ECA/USP seriam encarregadas de elaborar planos para os setores comerciais e de relações públicas do jornal.

O projeto tinha objetivos didáticos explícitos. O primeiro, o de que o jornal-laboratório servisse para a aplicação prática de conhecimentos sedimentados e para produzir novos conhecimentos, como ensina José Marques de Melo. (1) O segundo, a integração das disciplinas técnicas do Jornalismo, para que se pudesse superar a divisão artificial de conhecimento adquirido no curso sobre práticas indissociáveis como redação, edição, fotojornalismo, jornalismo informativo,